

ARTIGO

RELEITURAS DO CONTESTADO: *O REINO MÍSTICO DOS PINHEIRAIS*, DE WILSON GASINO, E A CRÍTICA À HISTÓRIA OFICIAL

REREADING CONTESTADO: THE MYSTIC KINGDOM OF PINE TREES, BY WILSON GASINO AND THE CRITIC TO THE OFFICIAL HISTORY

CLAÉRCIO IVAN SCHNEIDER*

RESUMO

Este estudo tem como objetivo problematizar as relações da história com a literatura na construção e conteúdo do romance histórico intitulado *O Reino místico dos pinheirais*, de Wilson Gasino, publicado em 2011 pela editora Scortecci, de São Paulo. Busca-se compreender a especificidade desta fonte e sua relevância para a ressignificação do conflito do Contestado na contemporaneidade. O trabalho de crítica das produções oficiais e os debates contemporâneos em torno dos marginalizados da história fazem do romance de Gasino um instrumento de denúncia contra aqueles que construíram e compactuaram com interpretações preconceituosas da história, versões que colocaram à margem e estigmatizaram milhares de sertanejos que até hoje lutam por sua terra, por sua cidadania, enfim, pelos seus direitos humanos.

PALAVRAS-CHAVE: romance histórico; Contestado; Wilson Gasino.

ABSTRACT

This study aims to problematize the relationship between history and literature in the construction and content of the historical novel entitled *The Mystic Kingdom of Pine Trees*, by Wilson Gasino, published in 2011 by the publisher Scortecci, from São Paulo. We seek to understand the specificity of this source and its relevance to the resignification of the Contestado conflict in contemporary times. The critical work of official productions and the contemporary debates around the marginalized of history make Gasino's novel a tool of denunciation against those who built and compromised with prejudiced interpretations of history, versions that set aside and stigmatized thousands of sertanejos who even today they fight for their land, for their citizenship, for their human rights.

KEYWORDS: historical novel; Contestado; Wilson Gasino.

Muito se produziu de narrativa histórica em torno do Contestado.¹ Pode ser identificada vasta produção documental, em especial a confeccionada pelo exército e pela imprensa da época, bem como os inúmeros trabalhos científicos contemporâneos originados no âmbito universitário. Essas produções representam posições bem distintas e, muitas vezes, antagônicas. De um lado, de caráter oficial, há uma defesa da guerra promovida pelo Estado, pela Companhia Ferroviária e coronéis da região contra o que se considerava atraso e barbárie, representado na presença dos sertanejos. De outro lado, na perspectiva acadêmica, a crítica e a condenação às atrocidades cometidas contra uma população sertaneja que reivindicava a posse da terra e a liberdade religiosa. Esta guerra, portanto, não se deu apenas no campo de batalha, ela também é travada no campo das memórias, das narrativas e das comemorações.

Em meio a essas inúmeras disputas pela narrativa e memória do Contestado outras fontes aparecem como forma de ressignificar os acontecimentos de mais de um século atrás. Em especial, destacam-se as produções ficcionais sobre o Contestado. Marilene Weinhard,² apresenta um panorama dessas publicações até 1998, apontando para a relevância dos textos ficcionais para a releitura do movimento. Entre as obras apontadas pela autora, destacam-se os romances históricos de *Casa Verde* (1963), de Noel Nascimento; *Geração do deserto* (1964), de Guido Wilmar Sassi; e, *Eles não acreditavam na morte*, de Frederecindo Marés de Souza, considerada a primeira produção ficcional em torno do Contestado, publicado postumamente em 1978. Além destes, outros títulos contemporâneos se tornaram públicos como o *Império caboclo* (Movimento, 1994), de Donald Schüler; *Os rebeldes brotam da terra* (FTD, 1995), de Alcides Ribeiro J. da Silva;

e *O bruxo do Contestado* (Nova Fronteira, 1996), de Godofredo de Oliveira Neto.

Como visto, é significativo o número de produções ficcionais que tem o Contestado e seus personagens como alvo de registro. De 1998 para cá novas produções ficcionais em torno do Contestado surgiram, como a obra de Octacílio Schuler Sobrinho, *Taipas: origem do homem do Contestado - o caboclo*, publicada em 2000; também a obra de Delmir José Valentini, *Da cidade santa à Corte Celeste*, publicado em 2003. Este levantamento inicial, como visto, indica oito romances históricos em torno do Contestado. Obras que merecem análise particular e também pelo seu conjunto. Trabalho iniciado por Marilene Weinhardt no campo da literatura, mas ainda não realizado no campo da história.

Neste estudo em particular pretende-se promover um debate em torno de uma produção ainda mais contemporânea sobre o Contestado. Trata-se do romance histórico escrito pelo jornalista Wilson Joel Leal Gasino³ intitulado *O reino místico dos pinheirais*, publicado em 2011 pela editora Scortecci de São Paulo. As representações que o romancista constrói em torno do conflito podem auxiliar pesquisadores de diferentes áreas e demais leitores interessados, a problematizar os sentidos construídos em torno dos sujeitos historicamente marginalizados pela historiografia oficial,⁴ evidenciando a relevância documental deste romance histórico enquanto fonte para compreender as disputas pela memória da história do Contestado. Foca-se especial atenção às contribuições de Gasino para o campo da pesquisa, na medida em que a composição da trama se deu a partir de intensa pesquisa histórica, na tentativa de agregar novas informações, interpretações e sensibilidades que a historiografia pouco desenvolveu.

Nesse sentido, cabem algumas problematizações: qual a visão de história de Gasino? Quais memórias são contestadas em torno da história do Contestado? Com quem está dialogando? Qual o significado de sua obra em meio a tantas outras de teor oficial? O que pretende trazer à tona com as histórias retratadas no romance? Quais memórias e debates são colocadas em relevo? Quais estereótipos desconstrói, questiona ou mantém? Qual o significado deste romance na contemporaneidade? Por meio destas problematizações pretende-se situar a contribuição desta obra para a revisão da história do Contestado, em especial de sua construção oficial,⁵ no sentido de perceber como ela implica em narrativas que identificam outras identidades, outras sensibilidades que não as oficiais, histórias desarmônicas, pautadas na violência e na desumanização.

O romance histórico de Wilson Gasino tem como recorte histórico o conflito ocorrido no início do século XX no interior do Paraná, divisa com Santa Catarina, que ficou conhecido como a “Guerra do Contestado”, também chamada de “Guerra dos Fanáticos”. Para contar ou recontar essa história – que envolveu mais de 40 mil pessoas, resultando em cerca de 20 mil mortos – Gasino constrói uma trama mística, que gira em torno do destino de uma família sertaneja. Investe sentidos, em especial, na trajetória de vida dos irmãos Gabriel e Miguel, mostrando o destino antagônico tomado por cada um deles até a eclosão do conflito do Contestado. Gabriel, por circunstâncias históricas específicas que envolve a perda da propriedade, acaba indo morar nos redutos sertanejos, acreditando nas profecias do Monge José Maria, representando o emotivo sertanejo apegado à dimensão sagrada da terra. Miguel vai morar em Porto União da Vitória, se envolve com autoridades oficiais, acabando por se alistar no exército e

empreendendo luta contra os sertanejos. Este personagem representa o mundo progressista e racional, desprezando a religiosidade sertaneja e seu apego à terra. Estes personagens principais – e o diálogo que estabelecem com quem está ao seu entorno – sintetizam diferentes versões e sentidos históricos que Gasino reconstrói em torno do conflito e dos debates ideológicos que implicou, como o racionalismo e a religiosidade. A terra é o palco central do enredo, representa a luta pela vida, pelo alimento, pelo abrigo, pelo poder, pela ambição e pelo heroísmo.

Gasino, desde o título da obra, evidencia que pretende investir interpretação levando em conta o lado místico do conflito. Ou seja, questiona a república científica dos pinheirais (Estado; empresa; coronéis), voltando-se ao reino místico dos pinheirais (sertanejos). Parece preocupado com o destino das pessoas simples, mas também fantásticas, em especial pela relação mística e sobrenatural que conferem à existência e às relações com a terra e a natureza. Esta perspectiva valoriza os sertanejos, suas ações, subjetividades e sentido histórico. Sobre o conflito do Contestado, afirma Gasino:

A história do conflito sertanejo do Contestado é em seu todo fascinante, tanto por envolver o universo místico, como por retratar um drama com a realidade de paixões, ambições, ideais, heroísmo e profundos dilemas humanos no mundo concreto. Seus personagens são pessoas comuns que poderiam ter cruzado na rua com nossos bisavôs, e ao mesmo tempo são tão fantásticos que beiram o mito. No cerne de todo o enredo está a terra, identificada misticamente com o coração e as suas mais profundas e ancestrais paixões, sua luta pela vida: o alimento, o abrigo, o sexo. E é justamente por isso que essa história toca tão a fundo, espalhando suas raízes dentro da gente, despertando sensações atávicas, mexendo com arquétipos e levantando profundas e fundamentais reflexões sobre a condição humana.⁶

Um conflito que se pode compreender pelo universo mítico retratado nos dramas e dilemas humanos da realidade concreta do início do século XX. Os personagens comuns que habitavam este espaço regional – posseiros, caboclos, lavradores, camponeses, indígenas etc. – reivindicam a terra e o direito à vida, e é esta condição humana, sujeita a diferentes violências, tanto físicas quanto psicológicas, que Gasino toma como alvo de dramatização, constituindo e reconstituindo memórias que os tornam protagonistas e não apenas vítimas, registrando diferentes percepções e revelando diferentes sensibilidades. Seus algozes – coronéis, governo estadual e federal, militares e empresários – travam diferentes disputas pelo monopólio da memória, de uma memória oficial, que os tornaram vencedores e protagonistas principais do conflito, isentando-os da responsabilidade pelos crimes cometidos. Este contexto de confronto em torno de ideais civilizadores faz com que Gasino promova no romance debates cruciais entre a razão e a ciência, entre o progresso e o atraso, entre o catolicismo popular e a Igreja. Aponta para a busca de sentidos, mas também para disputa das memórias. Pierre Nora⁷ afirma que:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.

O conceito de memória no campo histórico não denota hoje o sentido que o conceito agregava décadas atrás, passiva e pouco móvel. A memória está aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. Nesse sentido, ao invés de limitar as representações históricas, fixando sentidos únicos – questão que Gasino problematiza ao evidenciar os usos e

manipulações oficiais da história –, as diferentes perspectivas que o romancista revela por meio dos personagens, podem realçar novas abordagens historiográficas a partir do uso de memórias individuais ou coletivas como fontes históricas. A própria produção histórica regional é alvo de crítica pelas memórias que constrói e legitima, e por outras memórias que são desconsideradas ou mesmo escamoteadas. Mas não são apenas os historiadores que realizam este trabalho de construir ou reavivar a memória. Há todo um conjunto de instituições, como museus⁸ e a imprensa, por exemplo, que buscam cristalizar memórias atendendo, muitas vezes, a interesses oficiais. Este campo de produções em torno das memórias históricas é complexo e sempre está em disputa.⁹

Narrativas em torno do Contestado e o lugar do romance histórico de Gasino

O reino místico dos pinheirais é romance histórico que sintetiza uma reatualização da memória do conflito no Contestado na contemporaneidade. Seu caráter revisionista e ressignificador de histórias é imprescindível, na medida em que as histórias precisam ser atualizadas para que as memórias possam ser problematizadas. Como justifica o próprio autor ainda no prólogo, a relevância em se revisitar este conflito é fundamental. Primeiro, porque o que ainda prepondera, mesmo na memória local, é a versão oficial da história, escrita pelos vencedores, e para os outros, “a história se tornou uma espécie de tabu e mesmo os indivíduos que dela participaram, ou tiveram ancestrais nela envolvidos, fizeram de tudo para livrar-se da sua memória temendo represálias que se seguiram ao

encerramento do conflito”.¹⁰ Gasino se apoia na memória preservada por alguns moradores que ainda se orgulham dos monges para poder reescrever as histórias dos sujeitos sertanejos. Segundo o autor:

Este livro não tem a intenção de trazer à tona uma versão nova e rigorosamente histórica dos fatos, e sim, por meio das aventuras paralelas de personagens de ficção que poderiam ter vivido naquele tempo, contar um pouco desse maravilhoso momento da construção do Brasil, recriando parte desse rico universo do imaginário popular regional e reavivando alguns questionamentos da época que acompanham até hoje o setor rural do país.¹¹

Não é minha intenção realizar um tratado histórico ou revelar fatos que ainda não foram levantados e descritos pelos especialistas. O objetivo é apenas contar uma das possíveis histórias dos possíveis personagens que viveram esta história. É acrescentar novas lendas ao cancionero tradicional desse conflito, preenchendo algumas lacunas da memória com novas fantasias, fazendo personagens reais conviverem com alguns criados pela imaginação e também pedindo licença para dar um novo brilho e um novo colorido ao que se passou, modificando alguns incidentes para efeito da dramaturgia sem por isso deformar a corrente dos fatos ou distorcer o seu sentido e suas lições.¹²

Gasino é um autor consciente do gênero que produz: romance histórico.¹³ Deixa claro que sua obra tem por finalidade acrescentar novas lendas ao cancionero tradicional protagonista do conflito. Fazendo isso, investe no imaginário popular regional, evidenciando posição favorável às minorias. Além disso, busca articular este imaginário popular confrontando-o com as visões da época do Contestado, mostrando que estes debates, ainda em 2011, momento da publicação da obra, permanecem atuais quando se pensa o setor rural do país e os conflitos ainda prementes. Gasino busca dar voz e sentido histórico a diferentes personagens, em especial os

sertanejos, valorizando seu imaginário mítico religioso, ao invés de condená-los como muitos outros intérpretes o fizeram. Nesse sentido, mostra preocupações com relação ao modo como a história do Contestado foi escrita, criticando enfaticamente a história oficial que dá voz e razão aos vencedores.

Gasino faz questão de mostrar aos seus leitores o problema que se refere às versões oficiais da história do Contestado, pois a partir do momento que a história narra os fatos na perspectiva dos vencedores se descaracteriza a história dos vencidos e isso gera contradições, dúvidas e dilemas éticos para aqueles que desejam conhecer ou pesquisar o conflito, respeitando a pluralidade de posições, sensibilidades e subjetividades dos diferentes participantes. O romancista mostra comprometimento com os testemunhos do acontecido e com a busca de provas históricas, e nisso em nada difere do historiador. Segundo ele:¹⁴

Foram várias semanas de pesquisa para que eu pudesse desenhar os personagens, cujas vidas comuns e dramas pessoais se entrelaçariam com a saga da guerra sertaneja. Além da minha irmã, Márcia Gasino Ribas, tenho muito a agradecer aos vários autores de livros e artigos sobre o tema, principalmente ao historiador gaúcho Paulo Pinheiro Machado, em cujo livro “Lideranças do Contestado” encontrei a mais rica e, ao meu ver, fiel descrição e análise dos fatos históricos e suas repercussões. Outros autores importantes nessa busca de informações e impressões sobre o conflito foram Alves de Cerqueira, Douglas Teixeira Monteiro, Euclides Felipe, Hermínio Milis, Marli Auras, Maurício Vinhas de Queiróz e Paulo Ramos Derengoski.

Gasino mostra aos leitores os caminhos que percorreu para desenvolver o romance. Fez intensa pesquisa histórica em torno de livros e artigos para se alimentar de informações e impressões sobre o conflito. Ou

seja, ele não apenas apresenta uma versão que contesta a narrativa oficial, mas também vai ao encontro de historiadores revisionistas. No que se refere à documentação produzida pela imprensa da época, leu também as publicações do jornal *O Comércio*, fundado por Hermínio Milis, em Porto União, em 1931.

No romance, considera e questiona a posição oficial assumida por boa parte da imprensa, em especial a local, como, por exemplo, o jornal *O Trabalho*, que defendia o interesse dos coronéis e que foi incendiado pelos caboclos em 1914. Evidencia a presença de vários jornalistas que excursionavam pelo Contestado, fazendo matérias e as publicando em diferentes jornais. Faz referência ao jornal *O Dia*, do Rio de Janeiro, cujo correspondente é o personagem John Skull, amigo de Miguel, e que faz crítica à imprensa:

O jornalista falou sobre a decepção que tinha com a imprensa regional, que tratava de forma totalmente parcial o conflito, demonizando os sertanejos e suas crenças. As reportagens que havia enviado ao jornal *O Dia*, no Rio de Janeiro, tiveram pouca repercussão no meio político e a versão dos jornais locais tinham mais peso na interpretação da guerra do Contestado como uma luta entre a civilização e a ignorância. John contou a Miguel que havia sido procurado pelo dono de um jornal local, um tal de Carlito Fontes, que tinha tentado lhe convencer a escrever contra os caboclos, oferecendo dinheiro e terras, que intermediaria com os coronéis.

- Um verdadeiro proxeneta, como, aliás, outros tantos donos de jornal que conheci. Não sei como podem se vender assim. Como podem ser tão hipócritas. Falam de verdade, de ética, de bem-estar da sociedade, de construção do futuro, mas sabem no fundo que aqueles que lhes pagam estão roubando os mais humildes, matando inocentes e devastando a natureza. E eu falo aqui não só dos nossos legítimos coronéis brasileiros, mas também daqueles que vêm patrocinados pelo capital internacional, como esse Mr. Percival Farquar.¹⁵

Gasino consegue mostrar aos seus leitores que boa parte da imprensa que cobria o Contestado estava do lado oficial. Disseminava preconceitos e estereótipos em torno dos sertanejos – demonizando-os e as suas crenças como ignorantes e incivilizados – auxiliando na construção e divulgação de uma visão negativa em torno desses sujeitos e suas práticas. Aponta, a partir do personagem John, para a hipocrisia dos donos de jornais regionais que falam de ética, mas promovem o caos na medida em que vendem notícias a partir de quem os financia, no caso, os coronéis e o dono da empresa responsável pela instabilidade. Gasino, com isso, problematiza a construção dos fatos, sugerindo que a imprensa também é responsável pela promoção da intolerância em torno dos sertanejos.

Além da imprensa regional, Gasino foi buscar em livros de história fundamentação para entender o contexto atual de problematização histórica. Nesse sentido, dá relevo a um autor em especial, Paulo Pinheiro Machado, pesquisador contemporâneo que se destaca na reflexão sobre a guerra do Contestado e a questão dos sertanejos. Em uma entrevista ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV) Machado conta sobre seu interesse pelo conflito do Contestado:

Estudo o Contestado desde o final dos anos 1980, quando passei a trabalhar na UFSC. A grande oportunidade de pesquisa foi o doutorado, realizado entre 1997 e 2001 na UNICAMP. Ao longo do trabalho de pesquisa alternei viagens ao planalto e meio oeste catarinense, com entrevistas com os últimos sobreviventes do conflito e a consulta a arquivos de Florianópolis, Porto Alegre, Curitiba e Rio de Janeiro. Tive a sorte de contar com o acesso a grande acervo de fontes judiciárias (civis e criminais) e militares (das Polícias e do Arquivo do Exército) que durante muito tempo não estiveram disponíveis aos pesquisadores.¹⁶

Desde então, o autor tem escrito importantes narrativas sobre o Contestado, como a obra *Lideranças do Contestado*, citada por Gasino, bem como outros estudos como o artigo intitulado *Guerra, cerco, fome e epidemias: memórias e experiência dos sertanejos do Contestado*. Nestes trabalhos, Machado historiciza os diferentes pontos de vista do conflito por meio de entrevistas com sobreviventes apontando para o problema da memória:

Na memória dos sobreviventes e seus descendentes, as razões do movimento sertanejo são frequentemente obscuras quando não reproduzem diretamente o discurso vencedor dos militares e dos políticos republicanos. Entre os fazendeiros e seus descendentes não há dúvida: o movimento sertanejo foi puro banditismo. O neto do coronel Antônio Carneiro, dos Campos de São João, afirma que: “A guerra foi assim, puro banditismo. Hoje tem muita gente contando outras coisas, dizendo que havia problemas de terras, que tinham sido tomadas pelos americanos, mas é tudo invenção. Naquela época havia terra de sobra para quem quisesse. Era tudo terreno devoluto. Os governos até facilitavam a legitimação das posses. Este sertão era muito grande, a população era pequena”.¹⁷

Machado mostra que, na contemporaneidade, a memória de sobreviventes e de descendentes sobre as razões do movimento sertanejo estão obscuras ou reproduzem o discurso vencedor. Por outro lado, Machado revela que ainda predomina entre a elite uma visão negativa, por exemplo do neto do fazendeiro, sobre os sertanejos. Essa visão foi criada por uma história oficial escrita por militares, mas ainda presente na memória de muitos fazendeiros.

A fim de questionar essas memórias criadas pelos e sobre os sertanejos, Gasino vai buscar novas testemunhas na tentativa de reatualizar o conflito, só que desta vez na perspectiva dos vencidos, ou seja, dos sertanejos, buscando restituir-lhes a dignidade, a memória e o respeito a sua

condição humana. Com a referência aos estudos de Machado, Gasino consegue empreender crítica à história oficial construída em torno do Contestado, mas também questiona a tentativa de apagar a história do Contestado por parte dos próprios sertanejos, que negavam a sua identidade e pertencimento ao grupo. Machado tece considerações a respeito do posicionamento do sertanejo com o fim do conflito:

Por muito tempo existiu uma espécie de silêncio público sobre a Guerra do Contestado. Desde o final da guerra até a década de 1980, esse assunto não foi objeto da atenção pública, embora já houvesse uma farta produção de militares e acadêmicos sobre o tema. A partir dos anos 1980, como parte do processo de redemocratização do país, o conflito do Contestado passou, de distintas maneiras, a ser lembrado por movimentos sociais, órgãos de Estado e pesquisadores acadêmicos. No entanto, boa parte da população descendente dos seguidores do monge José Maria ainda apresenta uma memória de guerra fortemente impactada pela versão dos vencedores e pelos ressentimentos do olvido público. Um acontecimento não lembrado é quase algo não acontecido. A vergonha da derrota mistura-se com a sensação de irrelevância pública de uma experiência trágica presenciada. Por outro lado, o esquecimento pode ser apenas uma forma de readaptação à vida, como nos relata Alessandro Portelli. As pessoas não podem viver o tempo todo se lembrando de tudo.¹⁸

Questiona-se o silêncio e o esquecimento por parte da população com relação ao conflito. Machado sugere que isso se consolidou pelo sentimento de ressentimento, de vergonha da derrota, de deslembração promovido pelo poder público, mas também pela necessidade de se adaptar a uma nova vida depois de uma experiência traumática. Machado também questiona que o conflito não era interesse público até a década de 1980. O Contestado passa a ser lembrado após o processo de redemocratização do

Brasil, ou seja, após o fim da Ditadura Militar. A partir do momento em que se passou a estudar os descendentes foi que se identificou um problema que Gasino aborda em sua obra – o fato de estes homens e mulheres apresentarem uma memória impactada pela visão dos vencedores da Guerra, em que havia uma tentativa de esquecimento do que ocorreu e isso devido, não somente a derrota, mas pelo sentimento de impotência diante do poder público.

Portanto, Gasino alimentou-se de trabalhos atuais da historiografia, bebendo das novas tendências históricas, em especial aquelas que buscam dar voz e sentido às minorias marginalizadas, como o faz Machado. O que Gasino promove com seu romance é uma revisão histórica atualizada, voltada à história dos movimentos sociais, dos marginalizados, de valorização de sua condição humana a fim de dar visibilidade histórica a estes sujeitos na contemporaneidade.

Gasino também buscou entender a historicidade do conflito a partir da leitura do trabalho do médico oficial do conflito, Alves de Cerqueira, que revela as posições militares. Pesquisou os trabalhos de Douglas Teixeira Monteiro, professor e pesquisador, que defendeu tese sobre o surto milenarista no Contestado em 1973, publicado em 1974 pela Editora Duas Cidades, com o título *Os errantes do novo século. Um estudo sobre o surto milenarista do Contestado* e “Um confronto entre Juazeiro, Canudos e o Contestado”, publicado em 1977 na obra *O Brasil Republicado, 2: sociedades e instituições*, organizado por Boris Fausto; Outro nome citado por Gasino como relevante na construção do romance foi o do pesquisador Euclides Felipe, com a obra *O último jagunço: folclore na história da guerra do Contestado*, publicado em 1995 pela Curitibanos. Além destes, outros pesquisadores são

nomeados por Gasino: Marli Auras, *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*, publicado em 1984 pela editora Cortez; Maurício Vinhas de Queiróz, *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)*, publicado pela editora Civilização Brasileira em 1966; e, do jornalista catarinense Paulo Ramos Derengoski, autor de inúmeros trabalhos sobre o conflito do Contestado como, por exemplo, a obra *O Desmoronamento do mundo jagunço*, publicado em 1986.

Todas essas leituras reveladas por Gasino indicam os caminhos, as influências e os diálogos que o romancista percorreu para a confecção do romance histórico. Divide a pesquisa com seus leitores com uma postura problematizadora. A partir disso, consegue trazer para o universo de composição os debates e as inquietações, em especial as acadêmicas, do contexto em que produz o romance. Além disso, tais leituras possibilitaram que Gasino compreendesse as orientações ideológicas que circulavam no Brasil do início do século XX, período em que a humanidade dos sertanejos é posta em xeque. Isso transparece em muitos momentos do romance, sempre que tenta compreender o universo mítico do sertanejo sendo condenado pelos preceitos civilizatórios.

A regionalização do Contestado: debates científicos no reino místico dos pinheirais

Na narrativa de Gasino os sertanejos da região do Contestado aparecem como vítimas do imaginário determinista de condenação dos sertanejos construídos anteriormente, a partir do conflito de Canudos. Por meio de concepções científicas pautadas na valorização da civilidade dos

brancos, construíram-se estereótipos pejorativos em torno dos nordestinos, que negavam a sua humanidade a tal ponto de promover o seu genocídio. Fez parte do imaginário das elites regionais, que buscavam a titularidade das terras a partir de uma campanha difamatória de condenação ideológica das comunidades tradicionais, acusados de se voltarem ao passado monárquico, de negarem a República. Gasino evidencia estes sujeitos como alvos de ação oficial, que se intensifica a partir da presença de militares. Os personagens militares que o romancista apresenta interpretam o Contestado tendo como modelo a região nordestina, palco da guerra de Canudos, onde combateram. Militares como o general Setembrino de Carvalho, que defende a visão oficial, entendendo os sertanejos como um bando de fanáticos, inimigos da civilização, que precisam ser eliminados.

Sabia que tinha pela frente uma empreitada difícil, mais ainda do que Canudos, pelo fato de o movimento sertanejo da região do Contestado ser muito mais espalhado do que o do sertão baiano. Também porque combateria num terreno muito mais acidentado, cortado por rios e serras, e fechado por uma mata densa, que os caboclos conheciam muito bem e sabiam usar a seu favor. Além disso, os fanáticos milenaristas, como ele chamava os rebeldes, eram mais organizados aqui, contavam com várias lideranças preparadas, apoio da população do campo e da cidade, e tinham entre si muitos ex-combatentes federalistas. Como diretriz estratégica inicial, o general estabeleceu quatro colunas móveis, fazendo um grande quadrado cercado o movimento sertanejo, evitando que ele se propagasse ao norte, sul, leste e oeste. Contava com sete mil homens, canhões e o que havia de mais moderno em armamentos, e pela primeira vez tencionava usar a aviação de guerra brasileira para reconhecimento e bombardeio do inimigo.¹⁹

Em muitos momentos a narrativa de Gasino lembra a história. E o faz a fim de dar ainda mais relevo ao conflito no Contestado, especialmente quando o compara a Canudos. Conta suas especificidades trazendo à tona uma região desconhecida para muitos brasileiros, com terrenos acidentados, com muitos rios e mata fechada, região que os caboclos conheciam como ninguém. Região física muito diferente da de Canudos. Também, quando se refere aos sertanejos, os considera mais organizados quando comparados aos sertanejos de Canudos, na medida em que tinham muitas lideranças preparadas, alguns com experiência de outros conflitos – como os ex-combatentes federalistas – e apoio da população. Gasino auxilia seus leitores na construção de um imaginário sobre o poderio militar arregimentado em torno do conflito. Mostra o armamento, evidencia estratégias e faz reconhecer o inimigo: os sertanejos. Nesta região de sentidos, Gasino tende a fazer o leitor ficar do lado das minorias, na medida em que desmascara a visão idealizante, assumindo um discurso de denúncia. Mesmo quando os militares ocupam a cena do romance, estes são colocados em xeque na medida em que a narrativa de Gasino questiona suas ações. Nesse sentido, consegue subverter a visão oficial, questionando o discurso político e ideológico de seu tempo.

Gasino agrega à trama o personagem militar Capitão Matos Costa, também veterano de Canudos. Só que este sai em defesa dos sertanejos, condenando a ação do Estado e dos coronéis, que entende como usurpadora das terras caboclas, antevendo novo genocídio. Este personagem aparece como elemento que busca a pacificação.

Foi nessa época de agitação e dúvidas que Miguel conheceu o capitão Marcos Costa. Veterano de Canudos, Matos Costa antevia que os acontecimentos naquela região poderiam descambar em mais um

desastroso genocídio caso não fosse tomada uma atitude de pacificação. Para isso, vinha planejando realizar expedições incógnitas pelo sertão para identificar melhor o problema e traçar uma estratégia de pacificação que evitasse a generalização do conflito. O Capitão convidou Miguel e Tarász para acompanhá-lo nessas expedições, juntando-se a um grupo que já contava com um vaqueano, um padre e um jornalista do Rio de Janeiro. [...] Miguel aceitou o convite e os dois se integraram ao grupo, passando a percorrer campos e pinheirais em busca de pequenos ajuntamentos e fogos isolados, encontrando pessoas que pouco ou nenhum contato tinham com a civilização. Pessoas para quem o mundo concreto e organizado de Miguel era algo tão distante e fantasioso quanto um reino de contos de fadas.²⁰

Para conhecer a região do Contestado e os sertanejos, Matos Costa organiza uma expedição. Ao longo das páginas 106 a 117 e 150 a 153, Gasino promove debates filosóficos entre os integrantes da comitiva de civis formada por Matos Costa. Além deste personagem, fazem parte da comitiva Miguel; um jornalista americano de nome John Skull, que trabalhava no jornal carioca *A Noite*; um padre, Firmino Sanchez, franciscano enviado pelo frei Rogério Neuhaus; e, um gaúcho vaqueano, que se dizia ex-maragato, de nome Francisco. Os debates servem para Miguel reavaliar os seus próprios valores, na medida em que os diálogos em torno das noções de humanidade, de civilização, de progresso, de Deus e da igreja, dos positivistas, entre outros temas, são promovidos como forma de mostrar o contexto ideológico que condenava os sertanejos à exclusão e ao genocídio.

Gostava das comparações que o capitão fazia das raízes do conflito de Canudos com a movimentação que ora agitava o coração do sul do Brasil. Dizia constantemente que se todo o dinheiro usado na

mobilização do Exército contra a aldeia de Antonio Conselheiro tivesse sido gasto em emprego e terra para os sertanejos provavelmente nenhuma morte teria acontecido.²¹

Gasino, por meio do personagem Matos Costa, faz com que Miguel – mas em especial seus leitores – tenha consciência crítica para com as ações desproporcionais promovidas pelo Estado, em especial no caso de Canudos. Tenta, a partir da comparação com o que ocorreu no Nordeste, sensibilizar os leitores para a possibilidade de resolução do conflito por meio da paz, do diálogo, como prova de civilização do Estado. Melhor do que a promoção da guerra, de todo o dinheiro mobilizado para isso, seria a possibilidade de dar as terras aos sertanejos, possibilitando sua sobrevivência por meio do trabalho no campo. A memória do que ocorreu em Canudos é fundamental para o questionamento do que ocorre no Contestado.

As imagens da última batalha de Canudos, a tomada de Belo Monte em 1897, ainda incomodavam volta e meia o seu sono. Bem mais jovem na época, o então alferes Matos Costa tinha se destacado pela bravura e sangue-frio em combate, abrindo caminho para as tropas federais usando bombas de dinamite. Quando entrara na cidadela de Antonio Conselheiro tivera a certeza de que estava do lado certo da batalha do bem contra o mal, ajudando a derrotar um bando de fanáticos ignorantes fora da lei. Foi só depois de ver as pilhas de corpos mutilados deixados pela batalha que pode constatar que se tratava de gente humilde, oprimida e desassistida e que não tinha ou não conhecia outra opção senão aquela para lutar pelo que acreditava e pelo que necessitava. Não queria ver a tragédia do rio Vaza-Barris se repetir nos pinheirais do sul do Brasil e agora via nas negociações de paz uma chance de se redimir dos pecados do passado [...]. A possibilidade de paz animava toda a comitiva e provocava novas discussões entre o padre e o jornalista, que viam naquele momento a prova viva de que a história poderia ser reescrita de outra maneira.²²

Matos Costa aparece como personagem militar consciente das atrocidades que cometeu em Canudos e que no Contestado tenta evitar. A consciência em torno dos sertanejos muda quando entra na cidadela e vê a gente humilde, oprimida e desassistida que lutava por uma terra que acreditava ser santa. Costa é um dos poucos que buscam pacificar o conflito. Na trama desenvolvida por Gasino, a expedição de Matos Costa chega a estabelecer contato e diálogo com os sertanejos em um dos redutos. Diferentemente de Canudos, onde conheceu os sertanejos quando já estavam mortos, no Contestado Matos se antecipa ao final trágico, reconhecendo a condição humana dos sertanejos ainda antes dos combates.

A aproximação foi pacífica e os sertanejos se revelaram bastante aliviados quando verificaram que não se tratava de um dos grupos de vaqueanos que vinham aterrorizando os seguidores do monge no sertão. [...] Um pouco de conversa e os sertanejos já estavam soltos e falavam sem parar nas histórias do monge e das novas revelações em Taquaruçu. Contaram da menina Teodora, que num determinado anoitecer tivera uma visão de José Maria e de outros dois homens. Chamara outras pessoas e todo mundo tinha visto uma luz subir ao céu. A partir daí, a virgem tinha visões sempre, e quando alguém estava doente ela entrava no mato e voltava com uma xícara de sangue que era da perna do próprio José Maria. E também tinha o menino-deus Manoel, que ia para o mato e voltava com as ordens expressas do monge. Todo o reduto era então organizado e os sertanejos se preparavam para o retorno de José Maria e de São Sebastião e para a criação de uma nova cidade santa, onde houvesse paz, justiça e fartura. Contavam que enquanto isso todos dividiam tudo e todo mundo vivia bem, sem brigas, sem disputas, sem medo do futuro, porque a terra a todos sempre daria o que fosse necessário para viver.²³

Gasino investe na representação mítica. Neste mundo sobrenatural, as visões e os sonhos são determinantes para o destino dos sertanejos.

Depois do encontro com os sertanejos, da conversa e do almoço, Gasino faz os personagens da comitiva, John, Sanches, Matos Costa e Miguel filosofarem sobre o que presenciaram.

Todos ficaram muito impressionados com a visita [...]. Para Miguel, o que maias chamou a atenção foi o amor demonstrado pelos sertanejos à terra. Ele não entendia aquele apego ao chão que todos tinham. Para ele, apesar de ter nascido no sítio e sempre ter convivido com a terra, parecia não haver sentido naquela idolatria quase religiosa que os sertanejos tinham por um pedaço de chão. – A terra oferece a segurança e o sustento que o camponês precisa. Oferece uma raiz, uma identidade, uma sensação de acolhimento, participação, aprovação e pertinência. É tudo o que o homem procura quando busca dinheiro, busca poder, busca fama – respondeu o padre.²⁴

A reflexão que Gasino proporciona com o romance é pertinente. Mais do que tentar entender o sertanejo e sua crença no sobrenatural, Gasino provoca nos leitores a possibilidade de autocrítica, fazendo-os perguntar até que ponto acreditamos na Igreja, nas religiões, no individualismo, no Estado. O padre Sanches defende a ciência como instrumento legítimo de Deus colocado nas mãos dos homens, que irá dar a todos um mundo de paz, conforto e fartura. Já para o jornalista John, em resposta ao padre:

- Eu temo, caro padre, que se o homem não se voltar para si mesmo e não desenvolver sua própria consciência, a evolução da ciência não nos trará paz, mas guerras terríveis; não nos trará conforto, mas um incômodo vazio interior, não nos trará fartura, porém mais desigualdade entre aqueles que desfrutam das riquezas e aqueles que mal conseguem sobreviver. E mais, eu temo pelo fim da natureza, pelo fim da beleza, pelo fim da humanidade em si, substituída por um mundo mecânico de aparência, de frivolidade, indiferença, superficialidade e futilidade.²⁵

John faz um exercício contemporâneo. Questiona a ciência e percebe o mal que esta pode representar à sociedade. Principalmente aos pobres, ainda mais excluídos, e à própria natureza, depredada. Era o que estava assistindo no Contestado. As matérias que enviava para o Rio de Janeiro defendiam a condição humana dos sertanejos, mas pouco barulho faziam, pois muitos leitores já estavam indiferentes. Gasino provoca os leitores a refletirem sobre o individualismo contemporâneo, a indiferença e a superficialidade como marcas de uma sociedade que dá razão à ciência e que condena o místico.

Os debates servem para Gasino desnaturalizar os discursos que davam razão ao Estado. Através deles, Gasino mostra posições plurais, mesmo entre os militares, como atitude ética de valorizar a democracia, colocá-la em discussão, defendê-la. A pluralidade de posições, de diálogos e de expectativas evidencia uma região de sentidos que não é consensual. Ao contrário, o que mais se percebe na região contestada construída por Gasino é a pluralidade de pensamento, até mesmo porque o espaço ainda é pouco conhecido, mesmo no Paraná.

Além da possibilidade de Miguel estar por dentro dos debates cruciais do seu tempo, a expedição de Matos Costa serve para Gasino também caracterizar geograficamente a região do Contestado. Surpreende, para efeito de crítica que empreende ao discurso oficial, a adesão que promove em torno dos símbolos oficiais do Paraná, construídos pelos paranistas a partir dos anos de 1920.

Durante os dias de viagem, Miguel prestava cada vez mais atenção à paisagem de campos e pinheirais que eles atravessavam. [...] Das belezas do caminho, gostava sobretudo das cachoeiras e da floresta escura do

pinheiro araucária. Dominante na paisagem da região, a araucária era a rainha majestosa daquelas matas, erguendo-se acima de todas as outras árvores com seus galhos em forma de finos braços erguidos. [...] No alto, também ficavam as pinhas [...]. Muito apreciados cozidos e usados até para fazer sopa e farinha, os pinhões eram colhidos por muitos caboclos e índios e vendidos de casa em casa. Os tropeiros cozinhavam o pinhão à noite e se sentavam em volta da fogueira contando causos e apreciando o fruto da araucária. Também era muito admirada a gralha azul. Companheira inseparável da araucária, responsável por disseminá-la ao enterrar os pinhões para depois comê-los. [...] Infelizmente, a gralha azul, pela beleza do colorido das suas penas, atraía muito a atenção dos caçadores. Isso aliado ao desmatamento contínuo provocado pelas madeiras, acabava colocando em risco a sobrevivência tanto da araucária quanto da gralha.²⁶

A referência à araucária e à gralha azul aparecem como recursos utilizados por Gasino para situar o romance no contexto regional oficial do Paraná. A região geográfica, pautada na descrição do meio, revela um Paraná grandioso e exuberante. Diferente do discurso oficial que compara o imigrante a uma araucária, o romancista coloca os caboclos, os índios e os tropeiros como personagens deste meio, mostrando a sua adaptabilidade e uso responsável da floresta. Ao final da fala de Miguel, Gasino traz um problema contemporâneo, que se refere ao acelerado desmatamento promovido por inúmeras madeiras que vão atuar no Paraná ao longo do século XX. Gasino, com esta representação, questiona os ideais de progresso que orientavam a ação de muitos políticos da época do Contestado, em especial aqueles que defendiam a retirada dos sertanejos da terra com uso da violência, se necessário fosse, uma vez que eram considerados rebeldes ignorantes, inimigos da civilização. Gasino faz

questão de apresentar ao leitor um panorama histórico sobre a região do conflito, a fim de caracterizar as mudanças que modificaram as relações sociais. Além da questão das terras contestadas por integrantes do governo do Paraná e de Santa Catarina:

Havia também a construção da ferrovia, que cortava a região no sentido norte-sul, vindo do Paraná para o Rio Grande, e leste-oeste, atravessando o norte catarinense. [...] Em toda essa região, a Brasil Railway Company recebera por contrato a posse de quinze quilômetros de cada lado da estrada, ao longo de toda a sua extensão, numa área de aproximadamente seis milhões de acres. Era uma região de madeira de primeira, cheia de árvores como o pinheiro araucária, a imbuia, o cedro e o jacarandá, que a Southern Brazil Lumber & Colonization, associada à Railway pelo sindicato comandado pelo empresário norte-americano Percival Farquhar, cortava e exportava num volume assustador. A região tomada pela ferrovia e pelos coronéis tinha muitos posseiros e ervateiros, que a milícia armada da Railway, chefiada pelo coronel Palhares, amigo oficial da Polícia do Paraná, expulsava ou matava, com a mesma volúpia com a qual a empresa cortava os pinheiros.²⁷

Gasino dá aos seus leitores uma representação da região Contestada alvo da ferrovia e dos coronéis. Mostra o seu tamanho, a sua riqueza, a presença dos posseiros e ervateiros, da empresa de capital internacional americano interessada em explorar a madeira. Mas uma exploração que não levava em conta a participação do sertanejo, ao contrário, era necessária a sua expulsão da área. Nesse sentido, Gasino dá relevo às ações da empresa e também dos coronéis, que contratavam milícias armadas para limpar a região. Progresso e barbárie caminham juntos.

Durante séculos o sertão daquela região havia sido terra de ninguém, recebendo aventureiros, imigrantes menos esclarecidos, escravos fugidos ou recém-libertos,

bandidos e revoltosos, como os maragatos da Revolução Farroupilha. Longe das cidades e da rota dos tropeiros, nas terras devolutas, não havia nenhum tipo de governo, nenhum tipo de assistência e nenhum tipo de lei. A Monarquia nada fazia pelos sertanejos, mas também pouco lhes cobrava. Depois do advento da República, com o passar do tempo, a assistência do Estado a essas populações continuou nula, porém as cobranças vieram. As terras passaram a ter um dono legal, que quase sempre era quem chegasse primeiro no cartório e as registrasse. Os grandes coronéis da região, poderosos fazendeiros de gado ou barões do mate, fizeram isso rapidamente e garantiram para si grandes extensões de terra. Esses coronéis, apoiadores do novo governo republicano, passaram a ter poder total sobre as suas regiões, representando a lei e a ordem no local. Com esse novo poder político institucionalizado, esses mandatários expandiam seu domínio para além das porteiras das fazendas, onde já eram, desde muito, verdadeiros senhores feudais. Agora eles designavam ou elegiam prefeitos, delegados, juízes e vereadores, controlando todos os aspectos da vida política, econômica e cultural das suas regiões. Tinham poder de vida e morte, e para eles e seus protegidos a lei não se aplicava, sendo, por outro lado, extremamente rigorosa para seus desafetos. Casos de assassinatos, estupros, roubos e transferências ilegais de propriedade perpetrados sem punição por tais coronéis estão até hoje registrados nos anais jurídicos da região.²⁸

O sertão é terra de ninguém, mas povoado. Na disputa pelas terras devolutas foram os coronéis que garantiram para si as maiores fatias. Para isso, denuncia Gasino, a violência foi fundamental e “casos de assassinatos, estupros, roubos e transferências ilegais de propriedade perpetrados sem punição por tais coronéis estão até hoje registrados nos anais jurídicos da região”. Gasino insiste em mostrar a autoridade abusiva dos coronéis, a indiferença do Estado que opta por assentar imigrantes e, como consequência deste ambiente, a resistência por parte dos sertanejos que

reivindicam suas terras. O romancista dedica atenção na descrição de uma região pautada no abuso de poder e na promoção da violência por parte dos coronéis. Esses homens, segundo Gasino, como solução para impedir que ao grupo dos sertanejos aderissem novos adeptos, contratou ladrões e assassinos profissionais para atacar a propriedade daqueles que davam guarida e apoiavam os sertanejos com doações, eram jagunços que praticavam uma extrema violência. Como resultado:

A expulsão dos posseiros pelos coronéis e pela Railway também acabou gerando um êxodo rural que trouxe para as cidades um grande contingente de pessoas sem trabalho. Tinham pouca ou nenhuma instrução e muita dificuldade para se estabelecer. As companhias de imigração que exploravam as novas terras davam preferência aos imigrantes europeus, deixando de lado caboclos, negros e índios que eram os antigos e verdadeiros donos daquelas áreas. [...] Essas novas populações flutuantes, que raro conseguiam uma colocação aqui ou ali como peão de fazenda, trabalhador da roça ou tropeiro, cultivavam um sentimento nostálgico em relação à monarquia, eram muito ligadas à terra e tinham uma religiosidade bastante forte, marcada pela mistura de um catolicismo fervoroso com animismo e curandeirismo. Raramente tinham contato com padres, que era um privilégio para os ricos. Médico então era algo impensável para essas populações.²⁹

Gasino busca, de forma recorrente, caracterizar aos leitores o contexto que faz entender as origens do conflito. A narrativa histórica, em muitos momentos, parece estar à frente da narrativa literária. No fragmento acima, aponta para expulsão dos sertanejos da terra pelos coronéis e pela empresa Railway e como consequência destaca o problema contemporâneo do êxodo rural. Entende os sertanejos como populações flutuantes que raro conseguiam colocações de trabalho e também raramente tinham contato

com padres e médicos, implicando na formação de uma religiosidade forte, pautada em um misto de catolicismo fervoroso com curandeirismo. Mostra os desassistidos por qualquer governo. Informa que as companhias de colonização davam preferência aos imigrantes europeus, também deixando de lado os verdadeiros donos das terras: índios, negros, caboclos.

No panorama histórico do início do século XX, reconstituído por Gasino, a busca pelos padrões de civilidade por parte da elite também configurava a região. A chegada do trem de ferro sintetizava este pensamento pautado na razão científica. Traria o progresso, a prosperidade, o conforto, a ordem. O sertanejo representava o oposto.

A estrada de ferro, com todos os conflitos que gerava, era uma espécie de símbolo de uma nova civilização que invadia o sertão considerado atrasado. Os trilhos traziam consigo o pensamento positivista da ordem e progresso, derrubando sob o signo do fogo o velho mundo do sertão bravio ligado à terra e considerado atrasado pelo mundo avançado do litoral. Nesse novo ideal, tanto mais desenvolvido seria o país quanto mais se derrubassem as matas, mais se matassem os animais selvagens e mais e aculturassem ou eliminassem os índios. A ligação com a terra e a religiosidade dos caboclos eram símbolo do atraso e o ideal romântico do bom-selvagem uma tolice a ser definitivamente superada pelo avanço inexorável da ciência. Um avanço que resolveria todos os problemas da humanidade, produzindo uma nova era de prosperidade, conforto e rigorosa elevação moral. Uma nova era na qual não haveria espaço para emocionalismos, abstrações fúteis e superstições. A vitória definitiva da razão sobre a emoção, do cérebro sobre o coração, do conhecimento sobre a intuição.³⁰

A compreensão das temporalidades que caracterizam o texto de Gasino é fundamental para entender como este se posiciona na história, assumindo perspectiva democrática, de valorização da condição humana e

de condenação das explorações cometidas pelo Estado contra os sertanejos. Ao superar e questionar com propriedade a história oficial, Gasino se coloca como um crítico do lado das minorias, dando a entender que estas são, ainda hoje, marginalizadas e expropriadas da terra pelos mesmos critérios civilizatórios que foram usados no início do século XX. O Estado e boa parte da população ainda não as vê como dotadas de cidadania.

Esta visão da história construída por Gasino também é passível de crítica. Embora questione os filtros civilizatórios que impulsionavam o Estado a combater os sertanejos enquanto inimigos do progresso, em muitos momentos do texto o autor assume estes mesmos critérios. Na composição de história cronológica, dá visibilidade à região, mas em muitos momentos promove a ideia de sertão, ignorando ou se mostrando indiferente às populações indígenas que sempre estiveram presentes no território.

Por outro lado, no que tem a oferecer de crítica à região oficial, o romance de Gasino é muito pertinente. Muito diferente da ideia de região oficial – pautada na ordem, no progresso, no imigrante ideal – Gasino explora e dá sentido histórico a outras regiões, não oficializadas, na qual se sobressaem, pelo avesso, a desordem, o misticismo e os sertanejos. Nestas, como a do Contestado, a violência e a violação dos direitos humanos por meio da presença de milícias e do exército, é constante. A visibilidade que empreende em torno da condição humana destes sujeitos marginalizados e os diálogos que promove ao colocar a ciência e o progresso em xeque, podem ajudar muitos leitores a desmistificar o discurso oficial que, ao longo da história, tendeu a encobrir os conflitos para a eleição de um cidadão ideal

para o espaço contestado, o imigrante europeu, que na história de Gasino, pouco aparece.

Pretendeu-se, com este estudo, entender o lugar do romance histórico de Gasino na produção e revisão da memória histórica na contemporaneidade, seja ela oficial ou acadêmica. Apontou-se para a originalidade, a especificidade e a relevância deste romance enquanto fonte para a história, uma vez que permite interpretações e análises em torno das memórias, das culturas, das identidades e das disputas pelas narrativas que o conflito no Contestado implica ainda hoje. Além disso, possibilita-se, por meio do romance histórico, o registro de novas sociabilidades que focam e representam sujeitos marginalizados ou estigmatizados pela historiografia oficial, afrodescendentes, índios, sertanejos, migrantes pobres etc. Desconstruir a história oficial, desestabilizando os sujeitos que se auto constituíram a partir dela, que são considerados porta vozes autênticos do grupo que dizem representar, é colocar em xeque os princípios de visão e de divisão implementados por estes, é colocar em interrogação as versões e as práticas que os tornaram sujeitos inquestionáveis no processo de ocupação territorial brasileiro. *O reino místico dos pinheirais*, nesse sentido, pode se constituir em instrumento de denúncia contra aqueles que construíram ou compactuaram com versões oficializadas da história, versões que colocaram à margem e estigmatizaram milhares de sertanejos que até hoje lutam por sua terra, por sua cidadania, enfim, pelos seus direitos humanos.

Notas

*Professor do Colegiado de História da UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido

Rondon. É doutor em História pela Universidade Estadual de São Paulo, UNESP, Campus de Assis. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2361-8164>.

¹ O Guerra do Contestado ocorreu entre os anos de 1912 a 1916 em regiões de disputa entre os Estados de Santa Catarina e Paraná. O conflito se origina com a contestação dos agricultores quanto à doação de terras feita pelo governo brasileiro a companhias madeireiras e a empresa Souther Brazil Lumber & Colonization Company, responsável pela construção da estrada de ferro São Paulo a Rio Grande do Sul. Na definição de Wilson Gasino: “A Guerra do Contestado foi uma disputa dos sertanejos que ocupavam originalmente as terras da região contra os coronéis e a companhia internacional responsável pela construção da ferrovia, extração de madeira e colonização. O conflito durou aproximadamente quatro anos e, no seu auge, os revoltosos, chamados de fanáticos pela crença nos monges peregrinos, chegaram a dominar uma área de mais de 28 mil quilômetros quadrados, algo que equivale ao estado de Alagoas” GASINO, W. J. L. **O Reino Místico dos Pinheirais**. São Paulo: Scortecci, 2011. p. 11. Dentre o significativo acervo historiográfico em torno do Contestado, indica-se para leitura: CEZINI, S. L. **A Guerra do Contestado: para além do Messianismo**. Maringá, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2285-8.pdf>. VALENTINI, J. D. **Atividades da Brasil Railway Company no Sul do Brasil: A instalação da Lumber e a Guerra na Região do Contestado (1906-1916)**. Doutorado em História, PUCRS, Porto Alegre, 2009. FRAGA, C. N. (org.). **Contestado em guerra: 100 anos do massacre insulperdo do Brasil-1912-2012**. Florianópolis: Insular, 2012. MACHADO, P. P. Guerra, cerco, fome e epidemias: memórias e experiências dos sertanejos do Contestado. **Revista Topoi**. v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011. pp. 178-186. MACHADO, P. P. **Lideranças do Contestado: a formação e atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2004.

² WEINHARDT, M. **Ficção histórica e regionalismo: estudos sobre romances do sul**. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.

³ Wilson Joel Leal Gasino, nasceu em 1967 em União da Vitória, Paraná. Formado pela Universidade Federal do Paraná, é jornalista há 25 anos e trabalhou em jornais do estado como *Gazeta do Povo*, *Diário do Norte*, *Jornal do Estado* e de Londrina e também no jornal *A Tarde* (BA). Em março de 2006 lançou o livro reportagem **História sobre a Corrupção e Ganância**, em 2011 **O Reino Místico dos Pinheirais**.

⁴ Por historiografia oficial entende-se a produção histórica conivente aos interesses dos grupos dominantes na sociedade, muitas vezes financiada por estes e que pode ser encontrada em muitos livros didáticos de História. No caso especificamente do Contestado (1912-16), significativa parte da historiografia foi redigida por militares que construíram versões que legitimaram os discursos e as ações violentas promovidas pelo Estado contra os sertanejos, corroborando na criação de um consenso interpretativo que lhes atribui uma razão de Estado.

⁵ A tentativa de construir uma identidade para o Paraná, neste período, passava pela necessidade de se afirmar um discurso regionalista pautado na defesa da modernidade, do progresso e da civilidade como elementos cruciais. O elogio ao imigrante e a condenação aos sertanejos passou a sintetizar posicionamentos intelectuais em defesa de um Estado morigerado. Para mais informações, atentar aos trabalhos de: SCHNEIDER, C. I. História e historiografias do Paraná: estereótipos, revisionismos e problemáticas para o ensino de história do Paraná. **Anais do II Congresso Internacional de História UEPG/Unicentro**, 2015. CAMARGO, G. L. V. de. **Paranismo: arte, ideologia e relações**

sociais no Paraná (1853-1953). Doutorado em História, UFPR, Curitiba, Brasil, 2007. PEREIRA, L. F. L. **Paranismo: o Paraná inventado**. Curitiba; Editora Aos Quatro Ventos, 1997. SZESZ, C. M. **A invenção do Paraná: o discurso regional e a definição das fronteiras cartográficas (1889-1920)**. Mestrado em História, UFPR, Curitiba, Brasil, 1997. ⁶ GASINO, W. J. L. **O Reino Místico dos Pinheirais**. São Paulo: Scortecci, 2011. pp. 14-15.

⁷ NORA, P. In: BARROS, J. D. Memória e História: uma discussão conceitual. In: **Revista Tempos Históricos**. Volume 15, 1º semestre de 2011. p. 320.

⁸ Importante e significativo para o debate da produção das memórias em torno do Contestado, é atentar a constituição dos museus e aos acervos que guardam e disponibilizam documentos para a pesquisa e a reflexão. Sobre o Contestado, considerar o Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, idealizado em 1974 pelo historiador Nilson Thomé e pelo antropólogo e padre Thomas Pieters, em Caçador, SC. Atualmente o museu é mantido pela Fundação Universidade do Contestado – Campus Universitário de Caçador-UnC-Caçador SC. Atentar também ao Museu Histórico do Contestado, localizado no município de Irani/SC. Além destes museus é possível encontrar acervos em municípios que fizeram parte do caminho do Contestado, como em Mafra/SC, Três Barras/SC, Porto União/SC, entre outros.

⁹ Para uma discussão mais aprofundada sobre o conceito de memória consultar as obras: HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2013. LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994. NORA, P. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. n° 10, 1993. pp. 7-28.

¹⁰ GASINO, op. cit., p.10.

¹¹ idem.

¹² *ibid.*, p. 14.

¹³ Alcemo Bastos desenvolve importante argumentação em torno do trabalho de pesquisa histórica realizado pelos autores de romances históricos para a construção do texto. Esclarece que este trabalho pode ir desde o encontro e aceitação do registro histórico, até a sua refutação e contestação. Este procedimento também é perceptível no trabalho ficcional de Gasino, que procurou contestar a memória em torno do Contestado construída pela historiografia oficial apontando para a necessidade de reavivar a memória deste conflito a partir de novos testemunhos e na atenção a historiografia acadêmica construída na contemporaneidade. BASTOS, A. As fontes documentais e os autores de romances históricos (por eles mesmos). **Revista Matraca**. Rio de Janeiro, v.19, n. 31, jul/dez 2012.

¹⁴ GASINO, W. op. cit., p. 14.

¹⁵ *ibid.*, p. 181.

¹⁶ MACHADO, P. P. Guerra do Contestado 100 anos. Entrevista com Paulo Pinheiro Machado. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC/FGV**, 2012. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/contestado/ecos/paulo-pinhoeiro-machado>. Acessado em março de 2019.

¹⁷ MACHADO, P. P. Guerra, cerco, fome e epidemias: memórias e experiências dos sertanejos do Contestado. **Revista Topoi**. v. 12, n. 22, jan.-jun de 2011. p. 180.

¹⁸ *ibid.*, p. 178.

¹⁹ GASINO, op. cit., p. 160.

²⁰ *ibid.*, p. 105.

-
- ²¹ *ibid.*, p. 117.
²² *ibid.*, p. 150.
²³ *ibid.*, p. 126.
²⁴ *ibid.*, p. 128.
²⁵ *ibid.*, pp. 131-132.
²⁶ *ibid.*, p. 115.
²⁷ *ibid.*, pp. 37-38.
²⁸ *ibid.*, pp. 39-40.
²⁹ *ibid.*, p. 40.
³⁰ *ibid.*, p. 49.